



Bojunga e eu: Encontro de Mentirinha, Ficção de Verdade, Barthes é Testemunha

Camila Canali Doval¹

RESUMO: Lygia Bojunga e eu nunca nos encontramos, mas eu sempre estive lá com ela. O que Barthes tem a ver com isso? Ele frequenta a mesma cafeteria.

PALAVRAS-CHAVE: Barthes, Bojunga, eu, ficção.

ABSTRACT: Lygia Bojunga and I never met each other, but I was always there. What Barthes has to do with it? We go to the same coffee shop.

KEY-WORDS: Barthes, Bojunga, I, fiction

1 Introdução ao Desejo de Conversar

ENTRAMOS na cafeteria fugidas da chuva que caiu de repente. Mal houve tempo para escolher aonde queríamos ir ou o que queríamos comer e beber. Todos que passavam por aquela calçada invadiram a cafeteria para se esconder. Decidimos apenas a mesa, perto do canto, não a bem do canto, pois naquela estava Barthes, cigarro apagado ora caído no canto da boca ora entre os dedos dando voltas e voltas pelo ar. Nem deu por nós, pouco à vontade com a ordem de “proibido fumar” e declamando como se estivesse em pleno auditório do Colégio da França:

Roland Barthes (RB): Todas as críticas (sérias) de que falei implicam mais do que uma ideologia (= crítica de lançamento): uma filosofia, uma epistemologia, uma concepção sistemática do sujeito humano, da sociedade, da História à Eu lhes proponho, pois, que nos instalemos, durante o breve tempo desta conversa, num cantinho muito pequeno da crítica literária; e, mesmo assim, eu o tratarei subjetivamente; falarei em meu nome e não do lugar da ciência; vou interrogar a mim mesmo, eu que amo a literatura à Esse canto é, na verdade, o *Desejo de escrever* (2005, p. 10).

Camila Doval (CD): (espiondo Barthes enquanto acomodava seus livros, sua bolsa, seu casaco e a si mesma no espaço que encontraram na cafeteria lotada) Sabe, Lygia, estou aqui contigo nesta cafeteria e pensando como é que pode isso ser verdade. Para mim você sempre foi um personagem dos seus próprios livros, *um personagem que escreve livros*, mas assim mesmo um personagem, de papel e lápis, nada de carne e osso, voz e gestos, nada que toma café. De repente, nós estamos assim, pertinho, uma de frente para a outra, você analisando o cardápio e eu quase te beliscando para garantir que é verdade uma coisa tão boa. Posso, Lygia, te dar uma beliscadinha?

Lygia Bojunga (LB): (ri e estende o braço para mim) Belisca nesta parte aqui, ó, que não dói tanto.



2 Argumento

Nós duas rimos alto com a história da beliscadinha. Nisso, chamamos a atenção do Barthes. Ele deu uma olhada para a nossa mesa, uma *boa* olhada. O olho dele meio caído com aquele olhar meio distante percorreu um a um os meus livros em cima da mesa. O olho ia de nós para os livros, dos livros para nós. Parecia até que ele estava nos... classificando.

RB: (esticando-se um pouco e tocando a capa do livro que estava no topo da minha pilha) Aquela espécie de *abstract*, de argumento, de resumo intelectual que se distribui à imprensa, numa folha mimeografada (filme), ou que se coloca no dorso do livro (quarta capa): é o que se olha em primeiro lugar; muitas vezes é pouco convincente, pouco atraente, mas isso permite, de qualquer maneira, *classificar* o produto; e a pior perturbação social é a de não poder classificar; uma sociedade – e, por



¹ Mestranda em Teoria da Literatura/Escreita Criativa na Pontifícia Universidade Católica do RS, bolsista CNPq. Email: cami.doval@gmail.com



delegação, o ser enquanto social (*socius*) – que não pode classificar, fica *atordoada*: classificar é uma conduta forte de integração, de normalização (2005, p. 4).

Disse isso assim, sem mais, e voltou a se recostar na cadeira, cigarro na boca.

CD: (inclinando-me e cochichando para a Lygia) Esse Barthes fala coisas muito sérias como quem não quer nada, como professor batendo papo com aluno na saída da aula...

LB: (fazendo que sim com a cabeça)

CD: Lygia, há uma característica que me deixa maluca em relação aos seus livros. Eu os ganhava de presente dos meus tios nos meus aniversários, quando criança, e li *Angélica*, *O sofá estampado*, *A casa da madrinha* e *nós três*, um atrás do outro, dos nove aos doze anos. Devorava-os sempre exatamente com a mesma fúria. Aos vinte e seis anos, li *Corda Bamba* para um trabalho da faculdade. Aos trinta, li *A bolsa amarela* para uma disciplina do mestrado. Agora estou aqui, mergulhada na trilogia do livro: *Livro — um encontro*, *Fazendo Ana Paz* e *Paisagem*. Não tem jeito: é sempre exatamente o mesmo deslumbramento, a mesma identificação, a mesma cócega no corpo todo querendo fazer alguma coisa assim, bem assim, que *dá para todo mundo*. Esclarece para mim, Lygia: quando você se senta para criar, você pensa em *para qual leitor*? Você para diante da folha branca, lápis na mão (ou dedos no teclado), olho no teto, se perguntando: “Para quem vou criar hoje? Hum... Já sei, para crianças! Preciso criar uns animais falantes porque hoje vou escrever para crianças!”

LB: (quase derruba o *cappuccino* com o tapa que deu na mesa) Não! Nunca! Só nos meus dois primeiros livros eu fiz isso: *Os colegas* e *Angélica*. A partir da *Bolsa amarela* já começou uma desconstrução disso tudo. E a cada livro, eu sou lenta pra escrever, porque eu escrevo à mão, para começar, ainda, mais do que nunca... claro que eu aprendi a mexer no computador, porque tem mais é que aprender... e quem diz que eu gosto de criar lá? Ele, ele... puf! Ele me tira toda vontade de criar. É uma coisa muito impressionante. Para mim, o objeto livro também pesa muito e mexer com papel, mexer com canetas, com lápis, com borracha, com tudo isso, é uma coisa que me dá um prazer extraordinário e eu acho que eu nunca vou abrir mão. Essa minha relação com livro eu quero levar até o fim. Tanto que eu resolvi criar a minha Casa editora pra agora eu poder tratar de toda essa parte que, em geral, escritor nenhum, nem eu, no passado, quis me meter nisso: “ah, sei lá, eu não quero saber de filme, de fotolito, de gráfica, de nota fiscal, disso, daquilo”. Mas agora estou sendo obrigada. Passo a passo, estou aprendendo todo o caminho, até o fim.²

CD: Eu adoro o que está escrito na abertura do site da Casa³, onde explica que ela “foi criada para abrigar, unicamente, os personagens de Lygia”. Parece que qualquer dia, qualquer hora, qualquer leitor pode bater lá na porta e visitar a Raquel, o Vítor, a Maria, o Pavão... Parece mesmo que é só chegar com uns biscoitinhos, dizendo: “oi, gente, vim bater um papo”.

LB: (abre os braços e inclina a cabeça, como quem diz “a casa está aberta, ué!”)

CD: Lygia, você acha que há preconceito em relação ao autor que escreve tanto para crianças quanto para adultos? Você acha que tem de ser mesmo tudo separadinho, para o leitor não confundir e acabar *lendo livro que não é para ele*?

LB: Eu acho que não existe. Eu volto ao meu primeiro amor, o Monteiro Lobato. Ele criou coisas deliciosas que não eram voltadas para crianças, também. E no meu caso, Camila, às vezes eu fico constrangida com esse negócio, porque acham que há uma receita, uma fórmula, um segredo... Mas qual é? O que que eu vou dizer? Eu não sei! Eu preciso criar personagens desde o meu tempo dos botões, não é? É sempre personagem personagem personagem. Eu tenho de criar. Se eu fico muito tempo sem criar personagem eu não fico numa boa, Camila, fico numa ruim, caio em depressões medonhas. Nem precisa publicar! Basta criar um personagem e eu não preciso ir pro divã, eu já saio



² Transcrição de trecho da entrevista concedida a Edney Silvestre, no Programa Espaço Aberto de 13/05/2004, disponível em <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM119030-7823-LYGIA+BOJUNGA,00.html> Acesso em 19/06/2010.

³ Casa Lygia Bojunga <http://www.casalygiabojunga.com.br/>



ótima, se eu crio. Agora, a vida que ele vai ter, quem é que esse personagem vai atingir, isso há muitos e muitos anos não passa mais pela minha cabeça. Só que às vezes eles saem com uma cara absolutamente assim, de colegas. Outras vezes saem mais pesados, outras vezes saem... Eu não sei! E isso me causa um constrangimento, porque... “Pra que idade é esse livro?” E eu sei?! Ele saiu assim. Então eu deixo. Eu deixo rolar. O importante é que o meu livro e os meus personagens cheguem ao leitor. Se o leitor tem oito, dez, vinte, setenta, noventa anos... É o meu leitor. É uma... Esse, sim, é o verdadeiro caso de amor: *de quem escreve com quem lê*. É uma transa muito legal.⁴

A Lygia disse isso e tapou a mão com a boca, espiando o Barthes. O que ele iria pensar dessa coisa de “transa muito legal”? Ele coçou com a ponta da unha o nariz interminável. Acho que nem nos escutou.



3 Epígrafe

ACABEI entendendo porque tanto o Barthes coçava o nariz. O atendente chegou com o pão de queijo que eu pedi, quentinho, e o cheiro era um deleite. Cortei um pedaço e ofereci ao Barthes. Ele não se fez de rogado. Será que na França não existe pão de queijo?

RB: Epígrafe ou Créditos: mais epígrafe do que créditos, pois não sei como se poderia filmar a coisa — o que prova que o cinema não pode tudo: ele não pode, entre outras coisas, *faça sentir cheiros*, o que o texto pode perfeitamente (contrariamente ao que disse Sade). Esta Epígrafe é, de fato, um *perfume*: ponho em epígrafe um *perfume* (2005, p. 4).

A Lygia observou o Barthes comer e os dois trocaram sorrisinhos. O Barthes sorri só com o lado direito da boca, mas achei melhor não comentar. A Lygia sorria com a boca inteira.

LB: Quando eu aprendi a escrever, imediatamente eu tive vontade de escrever e comecei a escrever umas historinhas. Comecei falando com os botões. Eram meus primeiros personagens.

CD: Botões?

LB: Sim! Isso foi aqui no RS, onde eu passei minha primeira infância, Pelotas. Eu ainda nem sabia ler. Minha mãe era muito quieta. Ela costurava muito. Eu dizia “tu ficas tanto tempo sem falar!” e ela dizia “tu te enganas, eu estou falando com os meus botões”. Eu achei que era uma coisa mágica ela conversar com os botões e eu comecei a inventar umas conversas com os botões e a transformar eles nos meus primeiros personagens. Isso foi antes de aprender a escrever. Quando eu aprendi, comecei logo a criar personagens. É o que eu mais gosto, sabe, Camila. Estou falando muito, né⁵?

CD: (dou uma boa risada da pergunta dela) Não está, não, Lygia. Parece que eu me transporte para Pelotas e estou observando você a conversar com os seus botões. Literatura tem disso: parece que a gente *está lá*. Melhor que filme. No filme vem tudo pré-imaginado por alguém. No livro nós mesmos é que temos de criar tudo. Quando o livro pega a gente de jeito... Agorinha mesmo eu senti um perfume de bolo assando, você e sua mãe sentadas ao redor do forno, ela costurando e você conversando com os botões. Um de cada tamanho, um de cada cor. Olha, Lygia! A chuva está acalmando!

4 Parábase

OLHAMOS para fora e a chuva caía fraca, pingos aqui e acolá. Bonito foi observar refletida nesses pingos a luz do sol que reaparecia. O Barthes ficou tão encantado que se levantou e foi fumar um charuto na rua. Na passagem, parou diante da nossa mesa para trocar uma palavrinha. Ficou tão



⁴ Transcrição de trecho da entrevista concedida a Edney Silvestre, no Programa Espaço Aberto de 13/05/2004, disponível em <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM119030-7823-LYGIA+BOJUNGA,00.html> Acesso em 19/06/2010.

⁵ *Idem*



próximo que pudemos ver que ele sorria com o canto direito da boca porque falava com o canto esquerdo. Assim, ele conseguia fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

RB: (...) na comédia grega (...) havia uma parte intercalada, na qual o ator, representando o autor, vinha à frente da cena e se dirigia aos espectadores como o próprio autor: a Parábase (2005, p. 7)

CD: (fazendo um grande parêntese enquanto o Barthes fumava) Entrevistar a Lygia Bojunga, para mim, é como entrevistar o Monteiro Lobato em pessoa. Eu sei que parece exagero, que vão dizer que há autores melhores do que ela, que o Lobato representa algo maior na literatura... Mas, para mim, *eu*, Camila Canali Doval, a Lygia representou o segundo grande rompimento, a segunda grande reviravolta da linguagem, o segundo grande momento da literatura infanto-juvenil. Quando eu li o *Sítio do picapau amarelo*, fiquei com a impressão de que escrita era aquilo mesmo: uma coisa humana natural, fluente, inerente. Quando eu li a Lygia, a minha impressão se confirmou. É um tal de pegar a linguagem na ponta do lápis, desconstruir toda e devolver pro leitor sob novas formas tão surpreendentes e ao mesmo tempo tão *nossas*... Acabei crescendo e achando que *aprender a escrever* servia para uma única coisa: *escrever livro*. Fácil assim.



5 Plano

BARTHES voltou da rua e foi para a sua mesa, não sem antes nos informar de algo importante.

RB: Quero dizer que haverá:

- Um Prólogo: o *Desejo de escrever*, como ponto de partida da Obra a ser feita;
- Três capítulos (livro), três atos (Tragédia ou Comédia?), ou três provas (Rito, Iniciação) = os obstáculos que será necessário enfrentar, os nós que precisaremos desatar para escrever a Obra;
- Suspense final cuja resolução eu mesmo desconheço (suspense, infelizmente, só para mim, pois imagino que para vocês é indiferente, narrativamente falando, que a Obra seja feita) (2005, p. 6)

CD: (fazendo um pouco de silêncio)

LB: Ele fala cada coisa, né?

CD: Mas eu não sou indiferente a que a obra seja feita.

LB: Até que ela seja feita, você é, sim.



6 Origem e Ponto de Partida

Nós duas aproveitamos que o Barthes pediu o próprio pão de queijo e ficamos reparando nele enquanto comia. Era um tanto surreal estarmos tão perto. Mas ao mesmo tempo não era. O Barthes tem isso de fazer a gente se sentir lá dentro do pensamento dele. Ele mal abre a porta, entramos, nos instalamos, queremos saber tudo que há por ali. Eu, por exemplo, queria saber como ele faz aquele penteado todo arrumadinho, que não se desfaz nem debaixo de chuva. Penso que esse tipo de coisa é fundamental para conhecer melhor uma pessoa. Mas ele queria mesmo era falar do tal *desejo de escrever*. Como a Lygia parecia muito interessada...

RB: Por que escrevo? (...) Ora, tanto quanto me permite minha lucidez, sei que escrevo para contentar um *desejo* (no sentido forte): o *Desejo de Escrever* à Não posso dizer que o *Desejo é a origem* do Escrever, pois não me é dado conhecer inteiramente meu Desejo e esgotar sua determinação: um Desejo sempre pode ser o substituto de outro, e não compete a mim, sujeito cego, mergulhado no imaginário, explicar meu Desejo até seu dado original; só posso dizer que o Desejo de escrever tem um ponto de partida, que posso localizar (2005, p. 11).

CD: (aproveitando a deixa do Barthes) Como era a Lygia menina? Ela lia muito?



LB: Ah, sim. O livro, Camila, o livro transformou a minha vida. Quando aos sete anos eu aprendi a ler, pouco depois comecei logo a ler uma série de livrinhos. Até que um dia eu ganhei de presente o livro *Reinações de Narizinho*. Foi o meu primeiro caso amoroso e eu sempre volto a ele para mostrar o impacto de uma primeira paixão. Seja por uma pessoa, seja por um livro. Esse primeiro grande amor nos segue por toda a vida. E, no meu caso, mexeu comigo. Transformou a minha vida. Mexeu com a minha imaginação! Eu me apaixonei por livro de uma maneira, Camila, que eu nunca mais consegui viver sem livro. Nem que seja só para ele estar presente. Às vezes eu nem leio, mas ele tem que estar comigo, eu tenho que estar pegando nele. Eu tenho que sentir aquele objeto perto de mim⁶.

CD: Nossa, aconteceu igualzinho comigo! *Reinações de Narizinho* é um livro que muda a vida das pessoas, já reparou? Eu já soube de um monte de gente que ingressou no mundo literário por ter lido as *Reinações*. Coisa mais mágica aquele livro... Eu sempre digo que vim parar aqui, que sou assim como sou hoje, que construí a minha vida desse jeito literário em função de os meus pais terem me dado *Sítio do picapau amarelo* assim que aprendi a ler.

LB: É isso mesmo, Camila. O Lobato se transformou num ídolo pra mim. Até hoje eu volto aos livros do Lobato que eu gostei quando criança⁷.

CD: Ah, conta mais desse seu relacionamento com livro. Coisa mais bonita: parece história de amor.



7 Júbilo

FALAMOS em história de amor e eu percebi o Barthes se contorcendo lá na cadeira dele. Franzia e desfranzia a testa, botava e tirava o cigarro da boca. Eu dei uma piscada para a Lygia. Nós duas bem sabemos que ele adora um discurso amoroso.

RB: Este ponto de partida é o prazer, o sentimento de alegria, de júbilo, de satisfação, que me dá a leitura de certos textos, escritos por outros à *Escrevo porque li* (e no início da Cadeia? o primeiro homem que escreveu? essa é uma questão *geral* que não posso, nem quero resolver: quem foi o primeiro a *falar*? Origem da linguagem? Faço uma pergunta essencial, não antropológica). Para passar do *Prazer de ler* ao *Desejo de escrever*, é necessária a intervenção de um diferencial de intensidades (...); não se trata da “*Joie de lire*” [‘Alegria de ler’], expressão banal que pode servir de nome a uma livraria (deve haver livrarias com esse nome) → essa alegria produz leitores, e não se transformam em *scriptores* ≠ a alegria produtora de escrita é outro tipo de alegria: é uma jubilação, um êxtase, uma mutação, uma iluminação, o que chamei muitas vezes de *satori*, um abalo, uma “conversão” (2005, p. 11).

Senti que o Barthes tocou no cerne da questão. A Lygia se empolgou de tal forma que ficou em pé para falar. A cafeteria toda parou para ouvir.

LB: Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida.

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo;
em pé, fazia parede, deitado, fazia degrau de escada;
inclinado, encostava num outro e fazia telhado.

E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro.

De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois,



⁶ Transcrição de trecho da entrevista concedida a Edney Silvestre, no Programa Espaço Aberto de 13/05/2004, disponível em <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM119030-7823-LYGIA+BOJUNGA,00.html> Acesso em 19/06/2010.

⁷ Idem



decifrando palavras.

Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça.

Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas.

Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação.

Todo dia a minha imaginação comia, comia e comia; e de barriga assim toda cheia, me levava pra morar no mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu, era só escolher e pronto, o livro me dava.

Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca tão gostosa que — no meu jeito de ver as coisas — é a troca da própria vida; quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava.

Mas, como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cismeï um dia de alargar a troca: comeceï a fabricar tijolo pra — em algum lugar — uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar⁸.

CD — (batendo palmas tão forte que o Barthes meio que saiu do transe em que estava até ali e se empolgou também)

RB — (...) ele produz em mim um deslumbramento, um transporte de prazer; *ele me acaricia*, e essa carícia produz seu efeito toda vez que o releio (recondução do Primeiro Prazer): como uma espécie de incandescência eterna, misteriosa (explicá-la não a esgotaria); verdadeiro contentamento de um *desejo amoroso*, pois sei muito bem que o objeto do meu desejo, esse texto, veio, entre mil outros possíveis, adaptar-se ao meu desejo individual: assim, o desejo amoroso se dispersa entre vários sujeitos, permitindo que cada um tenha a sua chance, pois se estivéssemos todos apaixonados pelo mesmo ser, que suplício — para nós e para ele! O mesmo ocorre com os livros e os fragmentos de livro: há uma Disseminação do Desejo, e é nesta medida que há apelo e chance de procriação de outros livros: meu Desejo de escrever vem, não da leitura em si, mas de leituras particulares, tópicas: a Tópica do meu Desejo à Como num encontro amoroso: o que define o Encontro? A *Esperança*. Do encontro com alguns textos lidos, nasce a *Esperança de escrever* (2005, p. 12).

Uma salva de palmas ecoou pelo pequeno espaço. Barthes deu seus sorrisinhos com o canto direito da boca.

LB: (já sentada de novo, bebericando o *cappuccino* para disfarçar o leve rubor) Eu tive seis casos, Camila. Casos de amor, eu quero dizer.

CD: Mais ou menos como o Barthes falou ali em cima? “Encontros amorosos”?

LB: Exatamente! Esse Barthes é um danado... Sempre soube das coisas.

CD: Bem, um dos seus amores eu vi que foi igual ao meu. E os outros? Conta dos outros... (faço uma cara de muxoxo) Ih, será que isso não vai parecer entrevista de revista de fofoca?

LB: Não vai, não. Eu tomo cuidado para não falar nada indiscreto. Meus casos amorosos foram intensos, até violentos, mas sempre aconteceu tudo no maior respeito.

CD: Ah, então tá. Conta.

LB: Sobre o meu primeiro encontro, quero falar só mais uma coisa: não foi amor à primeira vista. Eu ganhei o *Reinações* de um tio, um livro grosso assim, sumi logo com ele num canto do armário e voltei pras minhas histórias em quadrinho. Só que o meu tio vivia me cobrando se eu tinha lido o tal do livro. Não tinha outro jeito: tirei o livro do armário, tirei a poeira do livro, tirei a coragem não sei



⁸ Adaptado de *Livro — um encontro*, 1988, p. 7.



de onde, e comecei a ler: “Numa casinha branca, lá no sítio do picapau amarelo...” E quando cheguei no fim do livro eu comecei tudo de novo, numa casinha branca lá no sítio do picapau amarelo, e fui indo toda a vida outra vez, voltando atrás num capítulo, revisitando outro, lendo de trás pra frente, e aquela gente toda do sítio do picapau amarelo começou a virar a *minha* gente. Muito especialmente uma boneca de pano chamada Emília, que fazia e dizia tudo que vinha na cabeça dela. A Emília me deslumbrava! Nossa, como é que ela teve coragem de dizer isso? Ah, eu vou fazer isso também! Mas longe de imaginar que eu estava vivendo o meu primeiro caso de amor⁹.

CD: Eu fico toda boba ouvindo, pois é exatamente igual ao que senti. Barthes descreve muito bem a tal da sensação com uma palavra: carícia. O livro acaricia a gente. Nós nos sentimos abraçados por ele. Às vezes esse abraço, esse carinho, causa certa angústia, quando é intoxicante demais. Mas até isso é bom. Sentir-se sufocado de livro. Porque é um sentimento único, que não se dá com qualquer livro. É de vez em quando que aparece assim, com essa intensidade. É ainda mais especial quando lembramos as palavras de Barthes: “pois sei muito bem que o objeto do meu desejo, esse texto, veio, entre mil outros possíveis”.

LB: Isso mesmo. Comigo aconteceu, até agora, mais cinco vezes depois do Lobato. Na adolescência, o caso foi grave: descobri dois escritores ao mesmo tempo; e longa-e-perdidamente eu me apaixonei pelos dois. Dois homens que impregnavam a escrita deles com uma atmosfera absolutamente peculiar, e embora vindos de nortes opostos, eles criavam nos livros que escreviam uma atmosfera igualmente opressiva, supercarregada de... angústia? É: angústia também; mas, tendo que usar uma palavra só para tentar descrever o ar que se respirava naqueles livros, eu usaria a palavra *desespero*¹⁰.

CD: Quem? Quem? (na ponta da cadeira, quase caindo)

LB: Dostoiévski e Edgar Allan Poe.

CD: Ahhhhhhhhhhhhh!

LB: *Crime e castigo* foi para mim o exemplo perfeito do quanto nós, leitores, podemos nos envolver emocionalmente com um personagem literário. É: o Raskolnikov era mesmo uma paixão. Só que eu saía dali e ia me encontrar com o Poe... Nesse caso, não era um romance, não era um personagem literário, era a coletânea de contos do Poe (todos eles impregnados de uma atmosfera fantástica), que me amarrava¹¹. Depois...

CD: Depois?

LB: Depois eu mergulhei num caso meio vergonhoso da minha vida de leitora. Vou dar o milagre, mas não vou dizer o nome do santo. Não vou nem contar se o santo é brasileiro ou não. Também não interessa. O que interessa é que foi esse caso — bem negativo, por sinal — que me deu a fantástica dimensão dessa coisa que a gente é. A gente: nós todos aqui: leitores¹². Olha, se der, quero até pular esse autor.

CD: Não dá, não, Lygia. Posso até gostar de Poe como você, mas suspense comigo não dá. Conta mais um pouco, pelo menos.

LB: Bem, era aquela coisa de autor que escreve “por receita”, sabe como é? Um tanto de romantismo + um tanto de violência + outro de erotismo, e aí ele salpicava suspense, misturava de um jeito lá muito dele e servia sem dar tempo de ir ao forno¹³.

CD: Hum... (com a mão no queixo, cara de “entendo-muito-bem-como-é-que-é-isso”)

LB: Pois é. Caí nessa. Li um, dois, três, todos os livros do cara. Um montão. Escrevendo de receita, é claro que ele tinha escrito um montão. Até que anunciaram o último, eu corri para a livraria. Mas à



⁹ Adaptado de *Livro — um encontro*, 1988, p. 12.

¹⁰ *Idem*, p. 14.

¹¹ *Idem*, p. 15.

¹² *Idem*, p. 17.

¹³ *Idem*, p. 18.



medida que eu ia lendo eu ia ficando, primeiro, perplexa; depois indignada. E quando eu cheguei no fim do livro eu estava me sentindo, positivamente, traída. Cadê a receita? Nada! O fulano tinha feito uma viagem à Índia, e agora ele me tirava tudo a que ele tinha me habituado nos livros dele e me dava em troca descrição vezes descrição: do rio Ganges, do pôr-do-sol no Tajmahal, das multidões de Calcutá, das ruas de Bombaim, e eu com isso?!¹⁴

CD: (às gargalhadas. A Lygia faz umas caras muito divertidas. Ela foi atriz de teatro, sabia?)

LB: Você está rindo porque não foi com você.

CD: Tá, mas e depois, quem te salvou?

LB: O Rilke. A gente fala de escritor que curte feito coisa que tivesse sido criado junto. Eu acho isso tão gostoso! *Cartas a um poeta*. Um livro fininho assim. Eu hoje me pergunto se o meu grande envolvimento com as *Cartas* foi porque eu me identifiquei com a apologia da solidão que o Rilke faz nesse livro, ou se foi por andar alimentando um desejo de ser poeta também. Não sei. O que sei é que foi *Cartas a um poeta* que me mostrou que o escritor é o livro que ele escreve. Pra mim, *Cartas a um poeta* era o Rilke, e o Rilke era *Cartas a um poeta*.¹⁵

CD: E o último? Qual foi o último encontro amoroso até agora?

LB: Ah! Foi um romance bonito à beça. Porque tem uma história especial. Foi com o Fernando Pessoa. Mas o legal é que eu conheci o Fernando quando era uma adolescente: gostava porque o meu namorado gostava. Acabei com o namorado, acabei com o Pessoa. Ele voltou bem depois, por acaso, num livro esquecido por uma amiga lá em casa. A gente ficou se olhando um tempão: eu e o livro. Daí tudo voltou. Mil lugares. Mil cheiros. Mil sensações esquecidas de dezessete anos atrás voltaram para mim naquela noite. E esse é ainda um outro aspecto maravilhoso do livro: ele guarda, ele segura o que a gente é quando transa com ele; e então, passados os anos, a gente pode revisitar, reavaliar, reviver a vida da gente, voltando aos livros com os quais a gente teve um caso de amor. Está tudo ali, retido, seguro, todas as nossas sensações daquele tempo. E não importa que a gente diga, “ué, como é que eu fui me apaixonar por ele? Puxa, se fosse hoje eu não me apaixonaria mais.” Não importa. Ele continua a ser o depositário de toda aquela emoção do passado.¹⁶

CD: Que incrível, Lygia! Mais um amor que tivemos em comum. Fernando Pessoa foi crucial na minha vida. Lá na adolescência. Aconteceu assim, por acaso, uma coletânea dessas de banca, “compre a edição de domingo e com mais R\$9,90 leve o Fernando para casa”. Eu levei. Meu olho grudou nele e gostou de dançar com aquelas palavras simples, com aquelas frases curtas que pesam de tanta coisa que tem nelas, com aquele jeito falso-despretensioso de dizer as maiores verdades como quem não diz nada de mais. Com ele descobri o som da linguagem: li e reli em voz alta. Combinavam: as palavras do Pessoa e o som da minha voz. Parecia que tinha saído tudo daqui de dentro. Desde sempre. Parecia que eu tinha criado aquilo. Mas não era um parecer vago, coisa boba. Era sentimento dos fortes. Tanto que despertou em mim ainda mais vontade de escrever. Se eu tivesse lido Barthes, teria entendido o que estava acontecendo. Mas como eu leria Barthes aos dezesseis, dezessete anos? Eu teria lido e entendido essa coisa de “Desejo de escrever”. E não é assim mesmo, Lygia? Não foi assim contigo? Esse nosso caminho pelas leituras, esses encontros amorosos são o que o Barthes chama de “Tópica do meu Desejo”. Os livros que nos moveram da leitura para a escrita. Os seus foram esses seis aí, os meus foram *Reinações*, do Lobato; os da Lygia Bojunga (sim, você mesma); *O Morro dos ventos uivantes*, da Emily Brönte; e as poesias do Fernando Pessoa. Por enquanto. Agora estou deslumbrada pelo Barthes. Tudo que eu leio dele acho a coisa mais certa que já li na vida. Estou sentindo cheiro sabe de quê? Isto mesmo: paixão.



¹⁴ Adaptado de *Livro — um encontro*, 1988, p. 19.

¹⁵ *Idem*, p. 22.

¹⁶ *Idem*, p. 29.



8 Esperança

RB: *Escrever* se apresenta como uma Esperança, a cor de uma Esperança — lembrar as belíssimas palavras de Balzac: “A esperança é uma memória que deseja”. Toda grande obra, ou mesmo toda obra que impressiona, funciona como uma obra desejada, mas incompleta e como que perdida, *porque eu não a fiz eu mesmo* e é preciso reencontrá-la, refazendo-a; escrever é querer reescrever: quero juntar-me *ativamente* ao que é belo e, no entanto, me falta, me é necessário (2005, p. 14).

LB: (parada, quieta, pensando no que o Barthes acabou de declamar)

CD: (parada, quieta, pensando no que o Barthes acabou de declamar)

Silêncio.

CD: Como pode alguém saber tanto da gente, né?

LB: (sorri. Ela sabe como.)

CD: Sabe, Lygia, eu acho que escrever é um caminho sem volta. A gente vai se embrenhando... Querendo escrever aquilo, e aquilo outro, e aquilo que o outro escreveu... E nunca mais acha a saída.

LB: (sorri de novo. Percebo que ao meu ouvir falar trocou uma discreta piscadinha com o Barthes. Esses dois...)

CD: Lygia, quando você começou a escrever?

LB: Eu comecei naqueles cadernos de caligrafia. Eu ficava desenhando e apagando a letra, coisa boa toda a vida de fazer. Isso quando era criança. Na adolescência, eu escrevia diário. Era uma escrita apressada, de letra virada garrancho, toda esquecida dos exercícios de caligrafia de quando eu era criança. Era um registro compulsório de tudo que me acontecia; emoção, dúvida, expectativa, tristeza, estava tudo lá. E era compulsório, sim: ninguém sabia que eu empilhava aquela escrita toda, nunca tive vontade de mostrar os meus cadernos pra ninguém, e mesmo pensando uma vez que outra, quem sabe um dia eu vou ser escritora? Nunca me ocorreu corrigir um período, uma frase, tampouco abrir um dicionário pra tirar dúvida que tantas vezes me batia. Se aqui tinha um *s* antes do *c*, se ali tinha acento ou não — mas eu *tinha* que escrever.¹⁷ Quando eu cresci, passei a escrever profissionalmente pra rádio. Eu escrevia à máquina. Mas nesse tempo o meu envolvimento com a escrita não mexia o fundo de mim; era um jeito aprendido de escrever, digamos assim; eu lia e observava como é que se escrevia pro rádio e depois seguia o modelo. Quando eu passei a traduzir, adaptar e escrever peças para a televisão, eu fazia a mesma coisa; e só lia livro de peças para a televisão, ou de como escrever pra tevê... Um dia eu recebi a sensação esquisita de o que que tu to fazendo aqui. E a sensação me visitou de novo, e me revisitou mais vezes. Eu já não tinha mais dúvida de que a minha vocação era escrever; eu estava sempre escrevendo; estava sempre ganhando dinheiro com a minha escrita, então o que que aquela sensação desajeitada de o que que eu to fazendo aqui tava fazendo ali? Foi quando eu dei pra ruminar o jeito que eu tinha, que eu comecei a namorar a ideia de escrever livro...¹⁸

CD: E escreveu.

LB: Resolvi experimentar. E eu senti uma sensação imensa de liberdade ao poder criar tudo do meu jeito e não do jeito que esperavam de mim. Comecei a ficar meio delirante. A minha escrita foi ficando uma confusão. Mas, pela primeira vez na vida, eu me dava ao luxo de ficar corrigindo e reescrevendo o meu texto, na tentativa de suavizar um pouco os solavancos da minha prosa. O luxo de corrigir e reescrever, somado à sensação de liberdade me rondando, me roçando, me envolvendo, fez uma



¹⁷ Adaptado de *Livro — um encontro*, 1988, p. 37.

¹⁸ Idem, p. 49.



impressão tão forte dentro de mim, que eu saí desse primeiro encontro pressentindo que fazer literatura ia ser pra mim uma imensa aventura interior. Não me enganei.¹⁹ Não é assim contigo, Camila?

CD: (desfaço a minha cara embasbacada) Não é ainda, não. Ainda estou na “Esperança de Escrever”.



9 Volúpia

RB: (larga-nos essa assim, sem mais, enquanto faz sinal para o garçom trazer a conta) Leitura e escrita: em movimento de troca recíproca; talvez seja isso a Força de toda Criação, e mesmo de toda Procriação: eu me acrescento, na criança procriada, a quem amo à Relação do *Ler* e do *Escrever*: seria nupcial → Aproximação da Criação com a Procriação: feita mil vezes, mas é inevitável; é preciso, então, dar-lhe sua definição antropológica: Procriar e Criar = não propriamente um Triunfo sobre a Morte, mas uma Dialética do Indivíduo e da Espécie: escrevo, “acabo” (a obra) e morro, mas, ao fazê-lo, algo continua: a Espécie, a literatura à Eis por que a ameaça de definhamento ou de extinção que pode pesar sobre a literatura soa como um extermínio de espécie, uma forma de genocídio espiritual (2005, p. 15).

LB: (cochichando) O que você achou disso, Camila?

CD: (cochichando de volta) Acho que ele viajou um pouco nesta história de nupcial. Não?

LB: (agora em voz normal) Talvez. Não sei bem. Quando a amamos muito uma coisa, viajamos um pouco nela. Isso não é bom?

CD: (em voz alta também) É. É, sim. É muito bom.

LB: Você disse isso por que acha que eu também já estou viajando? É isso, Camila? Eu falei demais dessa coisa que eu tinha de querer escrever livro?

CD: Não, não! A conversa está ótima. Era mesmo a parte mais importante: quando a gente passa da leitura para a escrita. “O envolvimento ativo ao qual a leitura nos impele”, como diz Barthes. Esse querer participar do que a gente ama. Mas participar de corpo e alma, papel e lápis. Querer *ser* literatura também. Lygia, agora conta um pouco do teu processo de criação. Você disse que escreve personagem, personagem, personagem. Como é isso? Eles moram aí dentro de ti? Ficam quietinhos e aparecem só quando você chama ou ficam gritando o tempo todo coisas do tipo “eu quero morar num livro”, “escreve a minha história”, “me tira duma bolsa amarela” ou “me enfia num sofá estampado”?

LB: (suspira fundo e faz cara de mãe de criança bagunceira) Um pouco de tudo, Camila! A Raquel, por exemplo. Eu nunca tinha vivido a experiência de uma personagem me pegar tão desprevenida; eu não tinha nem pensado que a gente podia parir personagem assim. A Raquel entrou no meu estúdio feito furacão, explodiu no caderno onde eu ia escrever o meu livro de viagens, dizendo que tinha dez anos, que tinha uma família assim e assado, que tinha um amigo inventado chamado André e ela se correspondia com ele, e que tinha essas tais vontades fortíssimas — de ser menino, de crescer logo e de ser escritora — que ela precisava esconder depressa, depressa, DEPRESSA! A urgência da Raquel me arrastou.²⁰

CD: (rindo gostoso) A Raquel é assim mesmo! Uma correria só! A gente lê *A bolsa amarela* bem rápido e na maior aflição para saber se vai dar tudo certo, se vai caber tudo na bolsa, se vai dar pé as vontades da Raquel.

LB: Então. E tem personagem como o Vítor. Quando eu estava fazendo o Vítor, sonhei com ele e acordei sabendo que ele não podia ser um menino, ele tinha que ser um tatu. Aquela unha nervosa que ele tinha (e que ele vivia roendo quando era menino) ia ter muita mais vida cavando: sendo



¹⁹ Adaptado de *Livro — um encontro*, 1988, p. 53.

²⁰ Adaptado de *Fazendo Ana Paz*, 1991, p. 11.



roída, ela mingua; cavando, ela aprofundava, abria túneis, descobria camadas subterrâneas; a unha do Vítor ia fazer tudo o que eu vivia querendo fazer: inventar uma cavação para descobrir os meus buracos mais fundos...²¹

CD: Que legal! Então é isso que Barthes quer dizer com “eu me acrescento, na criança procriada, a quem amo”. Eu estava achando complicado entender essa história de “Força da Criação”. Mas é isso mesmo: continuamos nós mesmos no que escrevemos. Colocamo-nos lá onde não podemos acabar. Feito você na unha do Vítor.

LB: É, mas não é assim tão fácil quanto está parecendo. Depois desses personagens gostosos, veio a Ana Paz. Difícil toda a vida de criar. Doída. Tanto que ela veio em três: primeiro apareceu a Ana Paz, depois a Velha, depois a Moça. Eu demorei um bocado para entender que eram a mesma personagem. Mais ainda: que elas estavam separadas e querendo um livro para poder se reencontrar. E tinha o Pai da Ana Paz que não saía de jeito nenhum, e ele tinha de sair. Se não tivesse Pai, não tinha história. A Ana Paz não ia chegar do nada, dizendo “Eu me chamo Ana Paz; eu tenho oito anos, eu acho o meu nome bonito.” Camila, eu enrolei tanto, mas tanto pra fazer esse Pai, eu escrevi tanto ele, rasguei tanto ele, desisti tantas vezes, que um dia a Ana Paz me deu o maior susto. Chegou detrás de mim e apagou a luz. Só ouvi sua risada. Mandei que ela acendesse. “Só se você faz meu pai”. Já pensou que danada?

CD: Mas é assim mesmo que imagino a Ana Paz. Uma danada que luta por tudo o que quer.

LB: Foi ela quem me disse que eu não sabia fazer mais *ninguém*²². Fiquei um bom tempo traumatizada. Fiz tudo que é personagem só para provar pra ela que ainda sabia fazer *alguém*. Mas nada de fazer o Pai.

CD: E então?

LB: E então que eu comecei a rasgar tudinho que era da Ana Paz. A Moça, a Velha, o Pai. Rasguei rasguei rasguei. Não aguentava mais aquilo tudo fechado, engasgado, empacado na minha gaveta. Rasguei e disse pra Ana Paz: “Desculpa, Ana, mas não dá. Você não ficou resolvida”.

CD: (roendo a unha, porque se eu fosse um tatu estaria cavando)

LB: Quem diz que ela aceitou? Bateu pé que estava resolvida, sim. Se não estava resolvida pra mim, problema meu: para ela estava ótimo daquele jeito. Briga feia, Camila. A nossa discussão foi mais ou menos assim: “— Você não tá resolvida, vê se entende! — Mas por que eu não posso ser assim mesmo? — Assim mesmo o quê? — Assim: não resolvida, feito você diz, não costurada, mal acabada, tanto pedaço de mim rasgado. Por que você não pode me contar pros outros assim? Puxa vida, eu nasci pra viver num livro! Livro! Já chega o tempo que eu fiquei numa gaveta, já chega o tempo que eu fiquei na tua cabeça: tudo tão fechado, tão cheio de complicação. Eu quero ir lá pra fora!”

CD: E ela foi?

LB: Foi.

CD: E você não acha isso bom?

LB: Acho. Não dava mais para ela ficar aqui dentro. Não cabia.

CD: Aqui fora não parece que ela parece mais sua ainda?

LB: (sorri)

CD: Eu disse isso por causa de Barthes. Ele tem essa conversa toda sobre a “Força da Criação”, sobre “Criar e Procriar”. Parece bem com esse lance teu e da Ana Paz. Terminar a Ana parece com morrer. Mas continua. Lá fora.



²¹ Adaptado de *Livro — um encontro*, 1988, p. 44.

²² Adaptado de *Fazendo Ana Paz*, 1991, p. 40.



10 Imitação

POR falar em “lá fora”, a chuva parou completamente. O Barthes parecia tão satisfeito olhando pela janela que pediu outro cafezinho. E eu estava tão entusiasmada que acabei pedindo outro também. É claro que ele notou.

RB: Passar do ler ao escrever, no rastro do desejo, só pode ser feito, evidentemente, pela mediação de uma prática de *Imitação*. Entretanto, mal pronunciamos essa palavra, ela deve ser abandonada: pois, do ler ao escrever, produz-se uma Imitação tão particular, tão rebelde, tão deformante, que seria preciso inventar outra palavra para significar a relação entre o livro lido (e sedutor) e o livro a ser escrito (2005, p. 16).

CD: E lá fora está o leitor.

LB: É.

CD: Você conhece o leitor?

LB: Conheço o Lourenço.

CD: ?

LB: (faz cara de “lá vem história”) No leitor é que se misturam a leitura e a escrita. Ele é o produto de tudo isso. O Lourenço era igualzinho a mim: sempre tive mania de curtir um livro, uma pessoa, uma casa, achando que devia ser tudo resolvido diferente lá dentro.²³ O Lourenço chegou se apresentando como Leitor. Contou tudo que gostava e não gostava nos meus livros. Deu umas ideias para melhorar o que não estava bom.

CD: Não acredito! Que leitor metido!

LB: Metido é apelido! O Lourenço era tão tão meu leitor que acabou indo morar no meu livro. No livro que ele tinha imaginado ao mesmo tempo que eu, sem nem me conhecer. Eu escrevi a paisagem lá em Londres, a irmãzinha da namorada dele desenhou a paisagem lá no Brasil, o Lourenço olhou e disse: “isso é paisagem dela”.

CD: Mas como ela desenhou a paisagem que você havia escrito?

LB: Ai é que tá. O Lourenço tem uma tese: ele lia meus livros para ela, e ele acha que é um Leitor tão competente que o Monstrinho (apelido da irmãzinha da namorada) virou minha ouvinte, e agora se ela ouve um pedaço de história escrito por mim, ela logo sabe que sou eu. E mais: se uma pessoa está tão habituada a imaginar as minhas histórias, se está super-habituada com o meu jeito de escrever as coisas, não é uma coincidência assim tão fantástica fazer um desenho de uma cena superparecida com uma cena que eu escrevi²⁴.

CD: E você concorda com isso?

LB: (ergue os ombros e pede outro *capuccino* pro garçom)



11 A Inspiração

CD: “...um Leitor tão competente...” O leitor é o outro do autor. Isso sempre dá pano pra manga. Se o escrito não é lido, acontece o quê?

RB: (não se aguentando e interferindo-se na nossa conversa) (...) essa pulsão leva não apenas a *um* outro, mas a *ser outro*, não importa quem: pulsão que faz emergir um Outro em mim mesmo = força de alteridade a partir de, no interior da Identidade à Passar do ler amoroso ao Escrever é fazer surgir, descolar da Identificação imaginária ao texto, do autor amado (que seduziu), não o que é diferente



²³ Adaptado de *Paisagem*, 1992, p. 10.

²⁴ *Idem*, p. 52.



dele (=impasse do *esforço* de originalidade), mas aquilo que, em mim, é diferente de mim: o estrangeiro adorado me leva, me conduz a afirmar ativamente o estrangeiro que existe em mim, o estrangeiro que sou para mim mesmo (2005, p. 24).

CD: Lygia, estou aqui pensando: quanta coisa. Quanta coisa é a literatura: é tudo que a gente lê na vida. É a vontade de escrever. É o escrever. E agora tem mais isso: é alguém ler.

LB: Talvez isso seja o mais importante.

CD: O quê?

LB: O outro. O teu escrito bater no olho do outro. E ser você ainda, mas diferente. Sabe qual a tese do Lourenço para isso? Para Literatura? O Lourenço é cheio de teses. Essa até que é boa. Ele diz que essa coisa de escritor criar um personagem e fazer a gente acreditar nele feito coisa que toda a vida a gente conheceu o cara, ou a cara, Literatura é fazer esse personagem inventado virar um espelho pra gente, é fazer a gente ficar puto da vida se o personagem faz um troço que a gente acha besteira, mas em compensação é fazer a gente entrar numa boa se ele faz um troço que a gente também quer fazer, Literatura é um jeito que um escritor descobre pra passar isso pra gente dum jeito que é só dele, e quando um dia a gente afina com o jeito dum escritor inventar, com o jeito que é o jeito dele escrever, nesse dia a gente vira Leitor dele e quer ler tudinho que o cara ou a cara escreveu. Mas Leitor assim, com letra maiúscula, capaz de *intuir* o que o escritor vai escrever...²⁵

CD: E intui?

LB: (adivinha se ela respondeu...)



12 O Desejo De Escrever

*A*o invés de responder, Lygia consultou o relógio da parede da cafeteria e fez uma cara de “minha, nossa!”

CD: Está tarde, né? (comentei e fiquei um pouco parada, olhando para ela. Dizer o quê? Queria eu, naquele instante, um lápis e uma folha de papel.)

RB: Eis então o sujeito, que foi primeiramente tocado de leve, fascinado pela Esperança de Escrever, que assume o Desejo de escrever e se instala nele (2005, p.25).

CD: Lygia, eu nem sei como agradecer esse tempo todo nosso. Foi tão bom. Você faz parte da minha “Tópica”. Você me inspirou desde menina. E agora essa conversa de peito aberto, como se fôssemos amigas. O Lourenço tem razão, sabe. Eu até fiquei com ciúmes dele, mas é verdade. O Leitor é que propaga o livro, o autor e a Literatura. Eu sou tão leitora que acabo querendo escrever também. Sabe o que Barthes fala sobre isso?

Antes que o próprio se empertigasse e tomasse a palavra — que era mesmo dele — continuei:

CD: “(...) se *Escrever* decorre do *ler*, se há uma relação de constrangimento entre os dois atos, como se pode ler sem se sentir obrigado a escrever? Por outras palavras, pergunta monstruosa: como pode haver muito mais leitores do que escritores? Como se pode ser feliz lendo, e até constituir-se como grande Amador de leitura e, apesar disso, nunca passar ao Escrever? Será um recalque? Não posso responder a essa pergunta; sei apenas que ela assume, em mim, uma espécie de insistência; no fundo, espanto-me sempre de *ter leitores*, isto é, leitores que não escrevem. Sempre a mesma pergunta, que é a essência da incomunicação (não que a *mensagem* não passe, mas): como *compreender* o desejo do outro (como identificar-se com esse desejo — esse prazer?) (BARTHES, 2005, p. 28).

LB: (os olhos dela piscaram umas cinco vezes consecutivas)



²⁵ Adaptado de *Paisagem*, 1992, p. 35.

CD: Nunca me passou pela cabeça não fazer parte disso. Não é questão de publicar ou não. É questão de fazer parte. De estar aqui. Bem, obrigada, então. Já terminou teu *cappuccino*? Vamos indo? Posso te dar um abraço?

A Lygia levantou da cadeira e ficou me olhando sem se mexer. Assim como eu não tive coragem de dar uma beliscada no braço dela, lá no começo, agora fiquei parada, sem conseguir abraçá-la. Não sei. Eu disse que ia, mas não abracei. Disfarcei. Tomei o último gole da minha água. Fiquei tão sem graça que até o Barthes percebeu e deixou cair uma colher para tentar quebrar aquele climão que eu criei dentro de uma cafeteria tão pequena. Era tudo muito, muito mais forte do que eu.

Peguei meus livros, minha bolsa, carreguei-me para fora. Ao lado da Lygia. Não sem antes deixar o último cafezinho do Barthes pago. Ele não estava com o menor jeito de quem ia embora.



13 Escrever Como Tendência

RB: (...) mas note-se primeiramente que, como *Tendência*, *Escrever* coincide facilmente com a imagem de uma Necessidade natural, fisiológica, como que independente da deliberação, do escopo do sujeito (2005, p. 33).



Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. *A Preparação do Romance: II — A obra como Vontade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOJUNGA, Lygia. *Fazendo Ana Paz*. Rio de Janeiro: Agir, 1988.

_____. *Livro — um encontro*. Rio de Janeiro: Agir, 1988

_____. *Paisagem*. Rio de Janeiro: Agir, 1992.

Artigo recebido em: 26 de julho de 2011.

Artigo aceito em: 16 de setembro de 2011.

Referência eletrônica: DOVAL, Camila Canali. Bojunga e Eu: Encontro de Mentirinha, Ficção de Verdade, Barthes é Testemunha. *Revista Criação & Crítica*, n. 7, p. 71–84, 2011. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoecritica/dmdocuments/CC_N7_CCDoval.pdf>